

Antologia de L.Dutra

Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatã³ria

*Dedico esses seis singelos poemas a Ninguém –
a todos os Ninguéns, assim como eu e tantos outros.
Aos que preferem a invisibilidade de uma inexistência existente,
habitando uma vida contida, porém presente;
lúcida, mas com os pés no chão.
Aos que sabem: a realidade é crua,
e sua nudez é catastrófica.*

Agradecimentos

Agradeço a Ninguém –
pois do vazio que habito
nasceu cada palavra.

Sobre o autor

Nada a declarar!

resumo

Quando eu era criança

Centelha de Alegria

O Cheiro da Guerra

Anjo Profano

Ao Te Ver

Poças

Quando eu era criança

Quando eu era criança, eu queria ser um super-herói.

Quando eu era jovem, eu queria ser policial.

*Quando eu cresci, eu pude ver a verdade da vida,
pude colocar os pés no chão
e ver que nem tudo que queremos
um dia será real.*

*Quando eu era criança,
os ventos eram tão suaves
e a brisa era leve e doce.*

*Quando eu era jovem,
as garotas me faziam palpitar o coração
e corar as bochechas.*

*Quando eu cresci,
eu comecei a perceber
que nada era de verdade, afinal.*

*Pude sentir nos pés
o peso da realidade
e enxergar o mundo como ele é.*

Não gostei do que vi.

*Quando eu era criança,
festejavam meus aniversários
como um culto pagão.*

*Quando eu era jovem,
eu queria apenas sair correndo
pela porta da frente
e deitar tudo pro chão.*

*Quando eu cresci,
eu percebi que a maioria das portas
poderiam se fechar
sem ao menos eu me decidir.*

*Quando eu cresci,
eu queria ser criança.*

Quando eu era jovem,

eu queria ser crescido.
Quando eu era criança,
eu queria crescer.
E hoje eu percebi
que tudo que eu quis
foi desejar que o tempo passasse
diante dos meus olhos,
enquanto a vida vivia
e minha existência
lentamente se esvaía
em isolamento e solidão.
Coloquei meus pés no chão
e decidi que o mundo não muda
e que tudo vai ser como é
e como já foi.
Coloquei as mãos no rosto
e suspirei,
pensando que podia mudar,
mas o mundo continuou o mesmo
e eu não mudei.
Afinal,
será que fui eu que cresci
ou o mundo ficou pequeno demais
para mim,
ou para o que eu sinto,
ou para aquilo que eu quero,
ou quem sabe
eu nunca quis nada?
Quem sabe?
Eu sei?
Não sei de nada.
Hoje, quanto mais eu começo a saber,
menos eu desejo crescer.
Volte, doce brisa infante,
que me encantou
nos momentos de inocência.

Volte, doce vento
que aparava meus cabelos
em dias tão suaves
como algodão.
Por fim,
coloquei os pés no chão
e percebi:
não foi o mundo que ficou pequeno.
Foi apenas eu que cresci,
e percebi que o mundo gira
cada vez mais depressa,
e nossos sonhos,
muitos deles,
serão esmagados
pela roleta do tempo
e não serão nada além
de epifanias
de eternos pensamentos.
Amor, raiva, solidão...
Afinal, tudo isso foi em vão?
Cadê você?
Onde foi aquele garotinho feliz?
Cadê você,
jovem rebelde
e com vontade
de mudar o mundo?
Não sei.
Perdi vocês de mim
e encontrei em mim
tudo aquilo
que desprezei
uma vida inteira.
E agora terei de conviver
com esse fantasma vivo
do que eu nunca quis ser:
uma existência

*transparente e pálida,
sem vida,
sem perspectiva,
mas que ainda assim é viva.
E o mundo gira.
O mundo segue girando
e a solidão me acompanhando.
Quando eu era criança,
eu não sabia de nada.
Quando eu era jovem,
eu achava que sabia.
Quando eu cresci,
eu percebi
que continuo
sem saber nada...*

- L.Dutra

Centelha de Alegria

*Centelhas que se desvaecem em um céu soturno.
Melodias longínquas que me trazem uma sensação de paz.
Neblina turva.
Céu invisível.
Sentimentos todos preenchidos.
Vazio cheio.
Óh, centelhas de pequenas alegrias,
por que fogem de mim ao amanhecer do dia,
e, nos sonhos noturnos, me agradam com epifanias tão lindas e
metafóricas de um mundo melhor e mais justo?*

*Óh, centelhas da noite soturna.
Óh, lua que me fez companhia enquanto escrevia tais versos,
enquanto derramava no papel o meu avesso.
Mas, ao acordar, dobrar minha coberta e ajustar o travesseiro,
todos os sonhos ficaram ali.*

*Cadê tu, centelha da vida?
Cadê tu, centelha da alegria que me preenche de noite e me deixa de
dia?*

O Cheiro da Guerra

O Cheiro da Guerra

É forte o cheiro de sangue.

O cheiro de sangue é forte.

A morte tem cheiro de sangue, e o cheiro de sangue é forte.

O cheiro de sangue é forte, este que é derramado dos fracos, subjugados pelos fortes.

O forte cheiro de sangue é dos desamparados, dos esquecidos e dos rejeitados.

A guerra é cruel, injusta, inconcebivelmente burra, e o cheiro de sangue continua.

Corpos caídos, lama, sangue, verde, botas, cápsulas, tanques e, em meio a tudo, o sangue.

O sangue que escorre dos crucificados, pela injusta briga dos gigantes que julgam governar seu povo ao caminho melhor.

O sangue que escorre é dos fracos, marginalizados; é das crianças e mulheres que sequer tocaram em armas, canos, facas, mas, mesmo assim, não escaparam dos projéteis, bombas e desgraças.

Ó guerra injusta, mas qual guerra seria justa?

Qual lado está certo?

Quem é mais covarde, me diga, Deus?

Seríamos nós os seres mais desprezáveis da Terra?

Fadados ao fracasso e abandonados por Ti?

Matamos Teu Filho, e agora matamos os filhos dos nossos filhos em trincheiras cotidianas de violência e brutalidade.

Latrocínio, abuso, estupro, corrupção.

Lama, sujeira que permeia o sangue.

O sangue ainda fede.

E o fedor do sangue não para.

Enquanto existirmos, o sangue continuará a escorrer.

Enquanto os homens ? homens de fato ? continuarem a governar contra os fracos e a favor dos fortes, o sangue terá, cada vez mais, cheiro forte.

E, em um futuro não muito distante, não haverá nada, apenas desolação.

Choros tristes de órfãos, viúvas condenadas à loucura e homens condenados à culpa.

A guerra não muda, e o cheiro do sangue continua.

- L.DUTRA

Anjo Profano

ANJO PROFANO

Soneto I ? Essência

*Teu corpo é poesia em essência nítida,
Abstrata como amor, paixão, loucura.
Tuas curvas são heresia bendita,
Que me tira a direção, sem censura.
Teus lábios são amargos em vinho denso,
Com doçura ao fim, como confissão.
Tua pele é escrita, traço imenso,
Retalho em carne, viva composição.
Tatuagens que entoam melodia,
Paisagem viciada, cor e forma.
Teu corpo é arte, é pura sinfonia,
Movimento que o desejo transforma.
É seda viva, gesto itinerante,
Que acende em mim um fogo delirante.*

Soneto II ? Nudez e Sedução

*Tua nudez reflete a luz da arte,
Tudo que tens é pura criação.
Seios, coxas, cabelos ? cada parte
Seduz-me sem vulgar, só tentação.
Pescoço e orelhas: notas harmônicas,
Compondo o corpo em doce arquitetura.
És pintura viva, em curvas tônicas,
Prazer que fere e cura sem censura.
Quem me dera tocar essa poesia,
Ser leitor da tua carne, tua trama.
Ó céus, que anjo caiu nesta agonia,
Fazendo dos mortais vítimas da chama?
Tu és pintura de sensualidade,
Que incendeia a alma com intensidade.*

Soneto III ? Contradição Divina

*Mulher, anjo ou Deus? Quem tu serias?
No teu olhar, perdi meu juízo.
Ao ver-te, vivo os pecados e os dias
No paraíso mais doce e impreciso.
Doçura e malícia em combinação,
Ternura e desejo em tua presença.
És poesia viva em combustão,
Feita de gozo, dor, prazer e crença.
Criada átomo a átomo, em delírio,
Por um Deus perverso em seu mistério.
Em ti se cruzam carne, alma e martírio,
Estrela oculta no céu mais etéreo.
És esperança, desejo e perdição,
Constelação de amor e tentação.*

Soneto IV ? Santa e Profana

*Teu corpo é arte, é santa profanada,
Anjo e demônio, num só corpo escrito.
Deusa e anti-deusa, forma encantada,
Poesia viva, desejo infinito.
És o pecado já consumado em mim,
Afundo sem pensar no que virá.
Teu toque me faz criança e homem, enfim,
Na lembrança segura que virá.
Tessão e paixão dançam no teu nome,
És presença antiga em nova chama.
Teu corpo é poesia que consome,
Queima e cura, seduz e inflama.
Obra de Deus ou do Diabo em gozo?
És tudo o que desejo, e me destroço.*

L.Dutra

Ao Te Ver

Ao te ver, o mundo amanhece mais cedo.
Teu olhar me causa medo ?
como uma criança ao temer o anoitecer.

Ao te ver, me sinto pequeno e grande ao mesmo tempo,
diante da grandeza de tua singela natureza:
enigmática e confusa,
a confundir todos os meus pensamentos.

És fruto de um cotidiano comum em constante revolução;
és musa de um mundo que não existe,
mas habita, em silêncio, em meu coração.

Teu olhar me causa uma disritmia...
Faz-me querer acordar para sentir aquele medo mais um dia.

És pedra polida em eterna poesia,
és arte em melodia estática,
movimento petrificado em Deusa encarnada.

Desperta paixão em cascata a fluir em minhas veias,
envenenando a alma de amor, inquietude e calma.
És simples e complexa.

Ao te ver, é fácil perceber:
nobreza e humildade, uma estátua de amor e prazer.
És pura e impura;
és paixão que, de tanto torturar em eterna tortura,
ainda que em silêncio, perdura.

Poças

POÇAS

A chuva cai em gotas,
fazendo no chão poças.
As lágrimas derramam
todas as outras gotas.
Sentimentos são detalhes
derramados em poças.
Meu peito é uma poça
onde se acumulam gotas.
Meu coração é vazio
e se preenche como poças:
gota em gota,
até transbordar.
A chuva cai
e o tempo muda.
Nada do que já foi
volta
ou será novamente
como um dia já foi.
O passado corrói como ácido.
Memórias são gotas,
as gotas caem nas poças.
Sangue corre nas veias,
veias são caminhos de rios
que também formam poças.
No mar infinito,
além do paraíso,
formam-se gotas
e mais poças.
Indefinido como o amor,
abstrato como o sentimento
que nasce em meio ao sofrimento,
encharcado de expectativa

e afundado pela realidade.

A dor.

A dor é a poça

que já se formou.

Lágrima a lágrima,

gota em gota,

ela se configurou.

Meu peito é como poças

preenchidas por sentimentos

encharcados pela chuva

da expectativa

destruída pela realidade.

Lamentos.

Dor ou sofrimento:

lágrimas são gotas

que formam poças

de eternos lamentos.

Meu peito é um balde despejado.

Ontem eu era feliz.

Hoje

eu já nem sei

se devo ser ou não.

Não sei se devo dizer

ou me prender

a algo que não sei

se posso segurar.

Rosas são vermelhas.

Gotas são gotas.

Nada importa.

Tudo importa.

Dualidade formada

gota em gota:

dor e amor,

poças e rios,

lágrimas e gotas,

cheio e vazio,

eu e você,
sol e lua,
mar e rio,
quem chora
e quem sorriu,
o início e o fim,
o meio-fio,
a vida e a morte,
a má
e a sorte.
O leito de morte.